REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 292

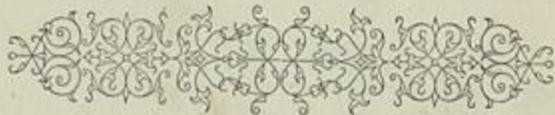
1 DE FEVEREIRO 1887

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CONSELHEIRO ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO — FALLECIDO EM 22 DE JANEIRO DE 1887

(Segundo uma photographia de Fritz)

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje a chronica é toda dominada por um doloroso e grande assumpto, tão grande e tão doloroso, que encheu todo o paiz de lagrimas e de desolação — a morte de Fontes Pereira de Mello.

A morte d'esse grande homem, inegavelmente o maior que Portugal hoje tinha dos grandes vultos politicos que pouco a pouco se tem ido sumindo no tumulo, foi uma catastrophe enorme, tão enorme que ainda hoje e já lá vão dez dias que ella se deu, não se lhe pode calcular bem o alcance, medir bem a importancia.

Foi uma catastrophe enorme e inesperada, e tanto que a primeira impressão que a lugubre noticia produziu, por toda a parte, foi a da duvida.

Quando no dia de S. Vicente á tarde se espalhou por Lisboa que o Fontes tinha morrido, ninguem accreditou n'isso.

Nada mais verosimil do que a morte, e entretanto é a cousa que menos se espera, que mais nos surprehende, que ás vezes nos chega a parecer inacreditavel.

E depois, a doença do grande estadista fora tão rapida, que nem chegára a constar cá fóra, e apenas um jornal, o *Correio da Manhã*, noticiára na vespera, que o sr. Fontes estava ligeiramente incommodado de saude, mas um incommodo sem gravidade alguma; e tudo isso mais inverosimil tornava ainda a lugubre noticia, que na tarde do dia 22 de janeiro começou a correr a cidade com a rapidez enorme das más noticias.

E como d'ordinario acontece com todas as noticias más, a da morte do sr. Fontes Pereira de Mello era tristemente e terrivelmente verdadeira.

Na ante-vespera ainda, o illustre chefe do partido regenerador jantára em casa do sr. ministro da Russia, voltara á noite para casa excellentemente disposto, estivera conversando alegremente com sua familia e recolhera-se ao seu quarto, de perfeita saude.

De noite passou mal: um pouco agoniado. Imaginou ser uma indigestão, mandou chamar o medico. Era uma pneumonia dupla, que apesar de todos os cuidados da sciencia caminhou implacavel e com uma rapidez tal, que no dia seguinte matava-o, sem dolorosa agonia, suavemente, rapidamente, quasi que de imprevisto.

Como vêem não ha historia mais pequena que a d'essa grande catastrophe.

Adejando sobre os ultimos dias de vida do grande homem de Estado apparecem sinistramente umas circumstancias agourentas, feitas de molde a reforçar a crença nos enguiços e nos agouros, e que são excepcionalmente curiosas como caprichos originaes d'essa coisa orginalissima que se chama Acaso.

Em primeiro logar a mudança no principio d'este mez, de que não chegou a ver o fim, para a casa onde morreu e que é exactamente aquella onde ha pouco mais d'um anno morreu o sr. Anselmo Braamcamp, o chefe do partido progressista.

Muitos dos amigos de Fontes, tiveram mau agouro, com essa mudança; alguns chegaram a querer tirar-lhe da cabeça o ir para aquella casa, mas no fim de contas a coisa era tão futil e tão insustentavel a serio, que nem mesmo os supersticiosos se atreveram a insistir n'isto.

Em segundo logar, n's vesperas de adoecer, o canteiro a quem o sr. Fontes mandára fazer um jazigo no cemiterio dos Prazeres, veio dar-lhe parte que o jazigo estava prompto e entregar-lhe a chave.

— Bom, agora já tenho casa, disse o illustre estadista sorrindo.

E depois, passando-lhe pelo espirito um proverbio enguicento, que tem muitos crentes, accrescentou:

— Ninho feito, pêga morta.

D'ali a dois dias Fontes adoecia e passadas 24 horas exhalava o ultimo suspiro, e ia occupar o ninho feito!

Ainda mais.

Conta se que noites antes de adoecer, n'um *soirée* em que esteve o sr. Fontes, convidára alguns amigos para a *soirée* com que tencionava, d'ali a noites, inaugurar as *soirées* d'inverno na sua casa nova.

— Não faltem, disse elle, não faltem que essa *soirée* hade ser a valer, festa, rija, — de caixão á cova.

Evidentemente, em tudo isto não ha mais do que uma serie caprichosa de coincidencias estravagantes, ditos que muitas vezes se dizem, acasos que muitas vezes se dão e em que só se repara, quando a morte lhes vem dar o mysterioso caracter sinistro do mau presagio realisado; é como os treze á mesa, em que nunca se falla senão quando dos treze acontece morrer um, mas em todo o caso o que é pouco vulgar é amontoarem se assim os lugubres agouros tão rapidamente, ao pé d'uma cova, e é por isso que estes presagios sinistros que coincidiram com a morte de Fontes Pereira de Mello, a morte que de nosso tempo maior sensação produziu em todo o paiz — fizeram tanto abalo, e causaram tão funda e singular impressão!

Dissemos a morte que n'estes ultimos annos maior sensação tem produzido em todo o paiz e dissemos unicamente a verdade, a verdade pura, sem o mais leve exagero.

E não foi só a sympathia enorme que Fontes Pereira de Mello tinha em todo o paiz, não foi só a saudade que o seu desapparecimento causou que produziu essa collossal sensação: foi tambem o egoismo humano.

Portugal inteiro chora com lagrimas sentidas e desoladoras, como ha muitos annos não chora nenhum dos seus mortos mais illustres e mais queridos, a perda de Fontes, porque a falta que elle lhe faz é enorme, é excepcional, como excepcional era o seu vulto, e perfeitamente irremediavel, porque Fontes é perfeitamente insubstituivel, não como chefe d'um partido politico, mas como homem de estado, como homem de governo, como cabeça dirigente, como capacidade politica, como figura dominadora.

Temos no nosso paiz, se não muitos, pelo menos ainda alguns politicos notaveis, oradores distinctissimos, parlamentares brilhantes, talentos illustres, capacidades provadas; mas o que não temos é nenhum que reuna em tão alto grau todas as qualidades poderosas e dominantes que fizeram de Fontes Pereira de Mello a primeira figura politica do nosso paiz, não temos nenhum que por emquanto attinja a elevada estatura d'esse grande vulto que acaba de cahir por terra e que era o ultimo d'essa pleiade brilhante de grandes estadistas, que de ha muito desappareceu nas sombras mysteriosas da eternidade.

Quando esses grandes homens de então morriam, Portugal chorava-os, mas dizia sempre, com o egoismo que acompanha todas as dores humanas:

«Temos quem occupe o seu logar: resta-nos o Fontes.»

E agora, quem nos resta?

E Portugal olha para todos os lados, passa em revista todos os seus politicos mais illustres, e não encontra resposta a esta pergunta.

Quem ha de occupar o seu logar?

E um silencio triste, desanimador, assustador, responde por emquanto a esta interrogação.

E aqui teem porque ha muitos annos não havia morte nenhuma no nosso paiz que produzisse a sensação profunda, unanime, excepcionalmente dolorosa e pungente da morte de Fontes Pereira de Mello.

Absolutamente alheio a coisas politicas, ninguem menos competente do que eu para tentar sequer esboçar uma rapida apreciação da obra do morto glorioso que Portugal inteiro chora, e das qualidades poderosas que fizeram de Fontes o primeiro homem politico do seu paiz.

Não sei nem tentarei fazer esse trabalho, nem mesmo elle teria aqui o seu logar.

A biographia do grande homem, a apreciação da sua vida, encontral-a-hão os nossos leitores n'outro logar do nosso numero de hoje, feita por um dos maiores talentos do nosso tempo, por uma das pennas mais brilhantes da nossa terra.

Aqui, a chronica limita-se apenas a commemorar essa morte, que tão estranha impressão causou em todos os portuguezes, a constatar o vacuo immenso que essa morte produziu no nosso paiz.

O ruido feito pela queda d'esse homem no tumulo foi o da queda d'um enorme collosso: espalhou se por todo o Portugal, espalhou-se pela Europa inteira, por essa Europa que se importa tão pouco com o que nós fazemos, mas que a noticia da morte de Fontes obrigou a voltar para nós a sua attenção, para lastimar tambem a perda do grande homem, para lhe prestar a homenagem bem rara do seu elogio.

O enterro de Fontes foi uma manifestação excepcional de sentimento e de dor: não parecia um enterro, parecia uma apotheose.

Todas as forças vivas do paiz se deram as mãos em torno d'esse esquife, para acompanharem á cova com uma imponencia sem egual esse que se ia embora, sem egual deixar para o substituir.

Era já quasi noite quando, depois de terem discursado rapidamente, mas eloquentemente, trez dos mais brilhantes oradores do nosso paiz, deu entrada no tumulo, no tal tumulo que elle foi estreiar, o cadaver de Fontes Pereira de Mello, e ahi ficou sobre uma d'essas sinistras e esguias prateleiras de jazigo, encerrado n'um estreito caixão, esse homem que tão grande espaço occupou na nossa historia contemporanea, que tão grande vacuo deixou no nosso paiz.

E a multidão enorme que enchera o cemiterio recolheu sombria, triste, mysteriosamente preoccupada.

É que d'esta vez, á sahida do cemiterio, a multidão não podia entoar o grito tradicional do egoismo humano:

«*Le roi est mort, vive le roi!*»

E só a metade tragica da phrase lhe sahia dos labios, frementes de commoção...

Gervasio Lobato.

FONTES PEREIRA DE MELLO

I

O homem, que baixou, ha oito dias, á sepultura, era sem duvida alguma, o vulto mais proeminente da politica portugueza na segunda metade do seculo XIX. Não o diz só o affecto dos amigos, dil o a justiça dos adversarios. Homenagem mais grandiosa e mais imparcial nunca a houve no nosso paiz. Quando morreu Joaquim Antonio de Aguiar, foi profundo o respeito que todos tributaram á sua memoria, mas Joaquim Antonio de Aguiar estava affastado havia muito das lides politicas. Entrara na historia antes de entrar no tumulo. Ninguem se lembrava do presidente do governo que caira no 1.º de janeiro de 1868, e todos se lembravam do energico estadista que trinta e quatro annos antes varrera, com um sopro da sua poderosa vontade, do solo do paiz os baluartes da reacção e os eternos obstaculos erguidos pelo fanatismo no caminho do progresso. Sá da Bandeira recebeu a homenagem de todos, mas Sá da Bandeira já não era para o partido liberal senão o glorioso mutilado do Porto, para o paiz inteiro o heroe de Nive, para a humanidade emfim o emancipador dos escravos. José Estevão teve em torno do tumulo a choral-o a cidade inteira, mas a sua voz eloquente despertara echos sympathicos no fundo de todos os corações, e nunca as provações do poder e os deveres do *leadership* da opposição tinham levantado contra esse artista soberano da palavra os despeitos dos interesses feridos, das vaidades melindradas. E Fontes caiu em plena lucta, no meio do tumulto levantado pelas indignações da politica, quando mais violentos se assestavam contra elle os canhões do jornalismo adverso, quando os inimigos mais temiam o effeito da sua palavra, que não tardaria a levantar-se, intrepida e vibrante, nas salas do Parlamento.

E comtudo, á primeira noticia do fatal acontecimento, cairam das mãos de todos as armas aggressivas, a voz que ia a soltar um vituperio gelou-se de subito, e foi um soluço que saiu dos labios convulsos dos adversarios! A dôr dos amigos, essa não póde descrever-se. O lucto da patria ainda veste todos os corações, e, para dar mais relevo a essa homenagem maravilhosa, ouviram-se tambem no meio do pranto geral as vozes roucas de alguns jacobinos insultando o cadaver. O triumpho teve sempre esses escravos, a canonisação esses advogados do diabo, a apotheose esses protestos.

Grande foi, sem duvida alguma, Fontes Pereira de Mello. A sua estatura desenha-se já no adito da posteridade com um aspecto esculptural. Acima do tumulto das pequenas paixões que em torno d'elle referveram ouvem-se os echos da sua palavra. A sua figura de estadista avulta como se já lhe tivesse traçado as linhas capitaes o buril inflexivel da historia.

Celebra-se este anno em França o cincoentenario dos caminhos de ferro. Festeja-se o 50.º anniversario d'essa poderosa força, que fez desapparecer as distancias, e que ligou a humanidade com

um immenso laço fraternal, e fez da locomotiva a evangelisadora da paz. Não ha acontecimento tão importante como este na historia moderna. As barreiras, que separavam os povos, caíram diante da marcha do wagon internacional Os homens, que souberam enlaçar esses troços partidos da grande linha que põe em relação entre si todas as capitaes da Europa, formam um côro abençoado por todos os que amam o progresso redemptor. O representante portuguez n'esse glorioso congresso é Fontes Pereira de Mello. Quando na grande festa franceza se levantarem os brindes aos gloriosos iniciadores, haverá de certo quem levante um brinde á memoria do glorioso estadista portuguez, já que o seu ouvido não pode escutar o longinquo rumor d'essa nova apotheose.

E a iniciativa tomada por Fontes então não foi uma iniciativa isolada. Não significou simplesmente a comprehensão do altissimo valor d'esse melhoramento. Significou a transformação da vida portugueza. Em 1851 Portugal dormia ainda o somno da meia idade, sulcado pelos pesadellos das guerras civis. Fontes appareceu, e tudo se transformou. Rasgaram-se as estradas percorridas pela mala-posta, abriram-se os caminhos de ferro, e escutou-se pelas charnecas o ovante silvo da locomotiva, o credito restaurado fez circular nas industrias o calor vital, o pagamento pontual dos funccionarios do Estado levou aos lares de milhares de infelizes a consolação e a alegria, a paz ergueu se alva e serena nos horizontes limpidos da patria, até ahi obumbrados e avermelhados pelo fumo e pelo fogo das discordias civis, e o genio bom que operava todas essas transformações encarnara se na figura sympathica e elegante de um moço official de trinta e dois annos, em cujo olhar vibravam todas as scintillações da alegria, em cuja voz palpitavam todos os triumphos da eloquencia, em cujo peito brilhava a estrella dos bravos conquistada no campo de batalha, e em cujo passo decidido e firme encontrava o paiz como que a accelerada cadencia do movimento que elle lhe imprimia na estrada do progresso.

Muitas animadversões se levantaram depois contra o homem politico, muitas sympathias o rodeiaram, as mais altas insignias da Europa lhe adornaram o peito, mas a figura que ficou por assim dizer legendaria e gravada no espirito de todos, a figura que a Historia ha de sobretudo desenhar, é a do joven ministro de 1851, energico, decidido, audaz, elegante, cordeal, attrahente, representante do novo movimento, das novas luctas, dos novos emprehendimentos, que se debruçava sobre Portugal paralytico, ou paralysado, exhausto de forças, mutilado, e exangue, e lhe dizia com a sua voz vibrante, e o seu gesto imperioso: Levanta-te, e caminha!

(Continúa) *Pinheiro Chagas.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CASA ONDE FALLECEU ANTONIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELLO

A casa onde falleceu o grande estadista é no pateo do Tijolo proximo da rua de D. Pedro V e da praça do Principe Real.

E uma habitação elegante e confortavel, que tem a sua frente principal para um pequeno parque com portão para o pateo do Tijolo, e as outras faces para a calçada do Conde de Soure ou Serração da Pedra.

Foi mandada construir esta casa ha poucos annos por Anselmo José Braamcamp, para sua habitação, de que se gosou pouco tempo depois de concluidas todas as obras, ao que bem se podera applicar o dito de «ninho feito pêga morta», pois que Braamcamp alli falleceu a 13 de novembro de 1885.

Depois da morte do seu proprietario ficou a casa desoccupada, e assim esteve quasi um anno.

Fontes tendo de se mudar da casa que habitava no largo do Poço Novo havia quasi dez annos, em consequencia do seu proprietario a precisar para si, resolveu mudar-se no fim do anno passado para a casa de Braamcamp, que arrendou por longo praso e cuja escriptura de arrendamento ainda não tinha assignado.

Havia, portanto, poucos dias ainda que Fontes Pereira de Mello habitava a sua nova casa, quando a morte ali o surprehendeu ao fim da tarde do dia 22 de janeiro.

A casa tornou-se, desde aquelle momento, duplamente celebre; fôra a sepultura, em pouco mais de um anno, dos dois estadistas eminentes, que nos ultimos annos dirigiram os dois partidos monarchicos que se tem revezado no poder: o partido progressista e o partido regenerador.

Logo que se soube a noticia da doença de Fontes Pereira de Mello e depois a desconsoladora nova da sua morte, os amigos do grande estadista correram a certificar-se do caso, que tão inesperadamente se revelara, e após os amigos foi o povo que procurava informar se da triste verdade.

Aquella casa era pela segunda vez, theatro de acontecimentos duas vezes dolorosos, pela dôr que opprimia a familia do fallecido, pelo sentimento de magua que dominava um povo.

A elegante e confortavel habitação, transformara-se n'um tumulo enorme, como enorme era a perda nacional que alli tinha tido logar.

O QUARTO MORTUARIO

No pavimento nobre e ao lado esquerdo do edificio, no angulo que tem um lado para a calçada do Conde de Soure e outro para o pequeno parque, era o quarto de Fontes Pereira de Mello.

Este quarto é de forma quadrada, tem duas janellas, uma que deita sobre a calçada do Conde de Soure e outra sobre o parque da entrada, como já dissemos. Esta ultima janella póde vêr-se na gravura que publicamos na pagina 32, é a ultima no pavimento nobre á esquerda da estampa.

Nas paredes oppostas ás janelas ha duas portas communicando uma com a salla do bilhar e a outra com outra sala.

Quando alli entrámos, no dia 23 ás 3 horas da tarde, por fineza especial da familia do illustre morto, estava este deitado sobre a cama de mogno, uniformisado com a farda de general, sobre a qual pousava grande numero de condecorações nacionaes e estrangeiras, attestando os altos merecimentos do grande estadista que a morte prostrára no leito mortuario, descanço eterno de todos os trabalhos e locobrações, de que essas veneras eram escassa recompensa moral em peito tão valoroso,

No semblante a quietitude serena de um somno feliz, nem uma contracção violenta, nem uma expressão dolorida a denunciar a agonia extrema, junto do cadaver a sua espada de general, um atributo apenas inherente ao seu posto de general, porque derresto não foi com ella que elle ganhou tanta gloria As suas conquistas foram de paz e de progresso para o seu paiz. Luctou no gabinete e no parlamento, e com essa lucta deu vida ao paiz, não lhe fez perder nem uma gota de sangue, rara felicidade n'um homem politico de tão grande estatura.

Á cabeceira da cama ardiam duas vellas em dois castiçaes collocados sobre duas mezas; aos pés, sentada em uma cadeira, vellava uma jovem senhora, sobrinha do fallecido. Outras senhoras e cavalheiros da familia e de amizado mais intima, faziam companhia ao illustre finado,

Fronteiro ao leito mortuario, e no anglo opposto estava armado sobre uma meza um pequeno altar, em que se via um crucifixo illuminado por serpentinas e castiçaes com vellas. Sobre o altar muitas corôas de flôres naturaes, embalsemavam o ambiante com o suave perfume das violetas.

A mais profunda dôr manifesta no mais profundo recolhimento dos circumstantes, completava este quadro de luto que as frouxas luzes mortuarias illuminavam a custo.

A CAMARA ARDENTE

No mesmo quarto em que Fontes Pereira de Mello exalou o ultimo alento, é que foi armada a camara ardente, e desde as cinco horas da tarde do dia 23, que o corpo alli esteve exposto á veneração publica.

Foi enorme a concorrencia de povo de todas as classes sociaes, que desde aquella hora até quasi 9 horas da noite, prestou o seu tributo de respeito e condolencia ao illustre finado.

A multidão agglomerava-se á porta e nas immediações da casa, esperando vez para entrar.

Homens, mulheres e crianças, todos queriam ver o grande estadista que deixava o paiz orphão da sua sabia administração; e não se pense que movia aquella grande concorrencia, simplesmente o espirito de curiosidade, porque a magua era bem visivel em todos os rostos e grande parte d'essa multidão que alli acudia pressurosa a vimos ajoelhar ante o cadaver e deixar correr sentidas lagrimas mal contidas pelos soluços da dôr.

Era a prova mais positiva da estima em que era tido pelo povo o illustre ministro, e de quanto esse mesmo povo reconhecia a sua falta.

Pelas nove horas da noite foi conduzido o cadaver para a egreja das Mercês, sendo o feretro levado á mão até á porta da casa pelos sobrinhos do finado, os srs. Ferreira de Mesquita e filho, Fontes Ganhado, Pedro Roberto, Pedro Diniz, coronel Fontes e Mendia. Oito senhoras de familia acompanharam o feretro até á porta levando tochas e corôas de flôres.

O prestito seguiu a pé, e o feretro foi levado á mão por amigos, acompanhando outros com tochas.

Para conduzirem o feretro tinham se organisado cinco grupos de amigos do finado, que se revesaram pelo caminho até á egreja das Mercês.

Os grupos foram assim combinados:

1.º grupo. — Visconde de Bivar, Jayme Pinto, Antonio de Azevedo Castello Branco, Telles de Vasconcellos, Adriano Cavalheiro, Francisco Margiochi, Peito de Carvalho e Pedro Correia.

2.º — Serpa Pinto, Pequito, Custodio Borja, Ferreira do Amaral, Jeronymo Pimentel, Cunha Reis, Rodrigues Costa, Caetano de Carvalho.

3.º — José d'Azevedo Castello Branco, Germano Sequeira, Luciano Monteiro, Novaes, Pedro Victor, Antonio Pessoa de Amorim, Carlos Bocage e Agostinho Lucio.

4.º — Joaquim José Alves, Lagrange, Luiz Coutinho Junior, Neves Cordeiro, Gomes Barbosa, visconde de Reguengos, Severo dos Anjos e Rosa Araujo.

5.º — Ponces de Carvalho, Lopes Navarro, H. de Alcantara, Sebastião Baracho, Eusebio Palmeirim, Eugenio Ribeiro de Almeida e Pedro Vasques.

O caixão ia coberto com a bandeira nacional. Atraz do feretro caminhavam o prior da freguezia, sobrinhos do finado, o tenente-coronel Bento da França, antigo ajudante de campo do fallecido, com a espada e o capacete do general, o ministerio e uma enorme multidão silenciosa expressava dôr e respeito pelo notavel estadista.

Na egreja das Mercês erguia-se um modesto catafalco armado no corpo da egreja e ladeado por oito tocheiros. Foi alli depositado o corpo e depois de resados os responsos pelo reverendo prior, foi a egreja franqueada ao publico que a encheu completamente.

Sobre o caixão via-se grande quantidade de corôas offerecidas pela familia e pelos amigos do finado.

O ENTERRO

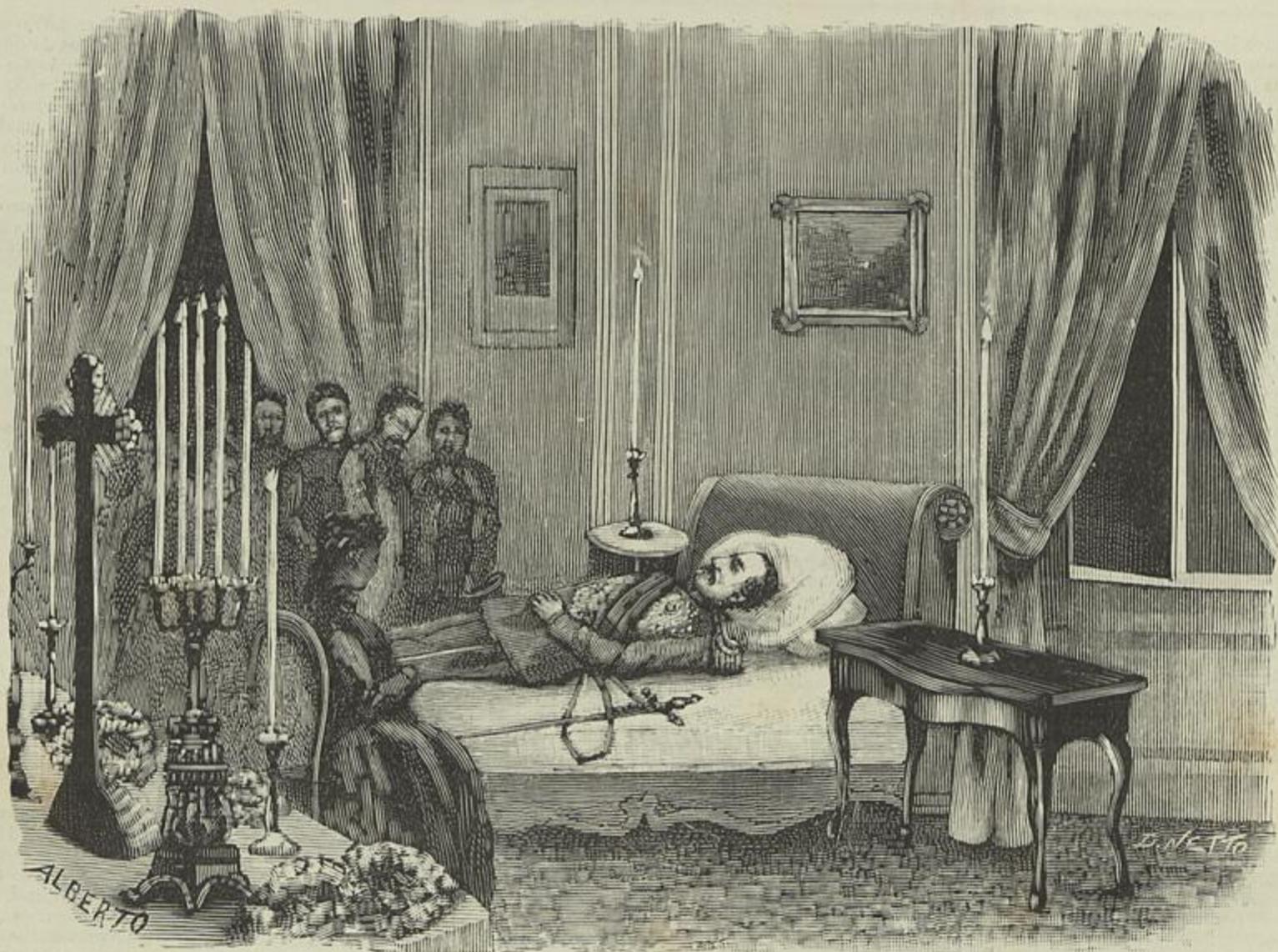
No dia 24 pelas 2 horas da tarde, depois de resadas as encommendações a que assistiu um numeroso audictorio com tochas, sahiu da egreja das Mercês o prestito funebre, seguindo a pé por entre as allas da tropa que formava, na travessa do Convento de Jesus, largo do Poço Novo, rua dos Poyaes de S. Bento e rua de S. Bento até quasi ao arco, continuando o povo essas allas no resto da Rua de S. Bento, rua do Sol, rua do visconde de Santo Ambrosio, rua de Saraiva de Carvalho até ao cemiterio.

Abria o prestito uns collegios da camara com os seus estandartes e em allas seguiram as pessoas que se encorporaram no prestito em numero consideravel. O feretro foi levado n'um coche da casa real que era seguido por outros com os padres. Fechava o funubre cortejo o trem do finado ao qual se seguia a tropa que formava as allas e que depois o acompanhou e deu as descargas do estylo, no cemiterio.

O numeroso acompanhamento era formado por todas as classes da sociedade, partidarios e adversarios politicos, todos se reuniram para prestarem a sua homenagem de respeito ao grande vulto da politica portugueza, que ia desapparecer no tumulo.

Quando o feretro chegou ao cemiterio eram 4 horas e meia da tarde. O sol caminhava apressadamente para o occaso, e no horisonte uma luz rubra illuminava os ultimos momentos do dia.

Á porta do cemiterio os ministros esperavam o feretro, que os officiaes de engenheria tiraram do coche e collocaram no primeiro descanço, e d'este seguio para a capella tomando as borlas do caixão, os srs. conde de Valbom, Andrade Corvo e todo o ministerio.

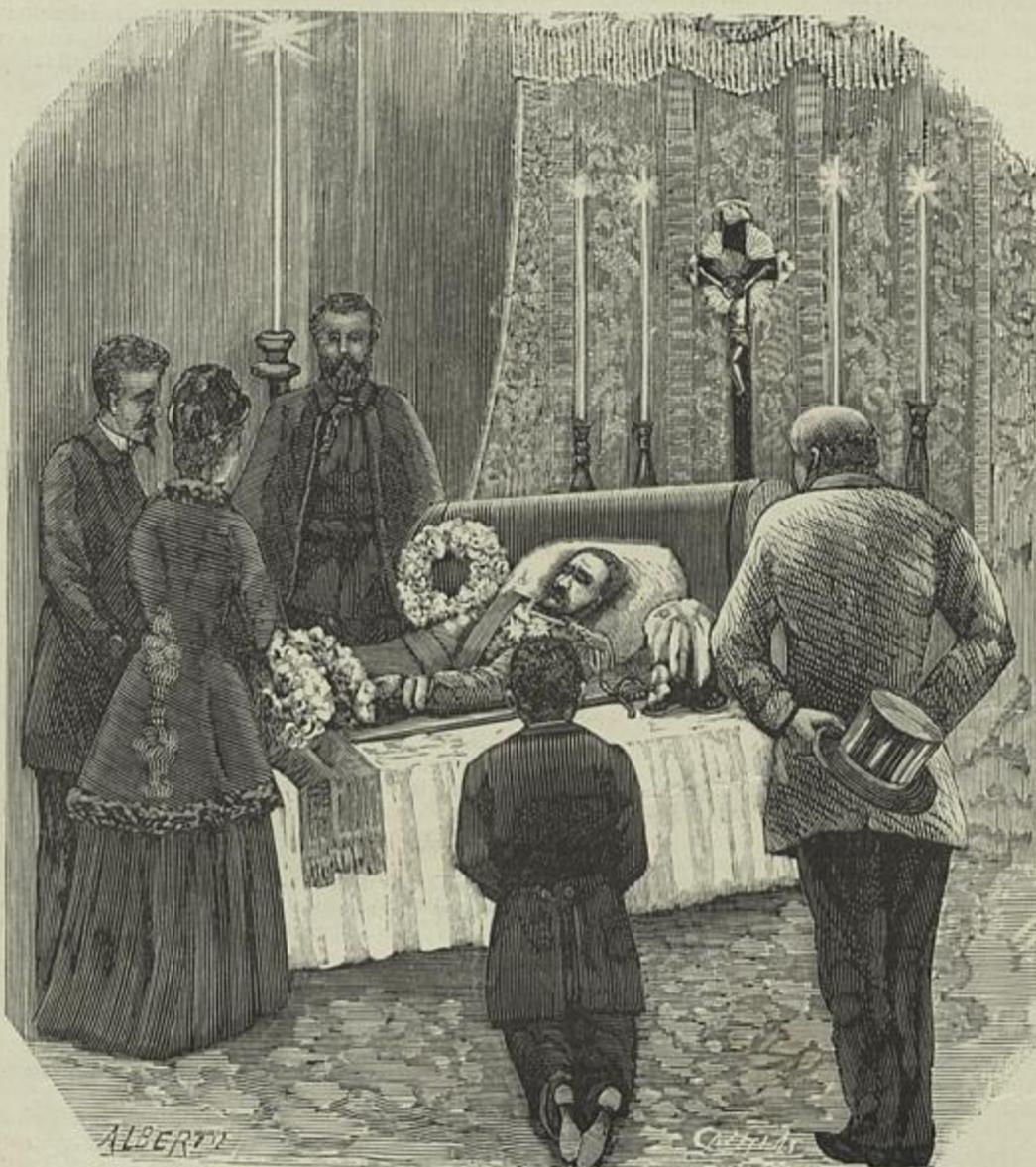
Da capella para o jazigo foram ainda os officiaes de engenheria que conduziram o caixão, tomando então as borlas os srs. Barros e Sá, Telles de Vasconcellos, Polycarpo Anjos, Francisco Costa, Theodoro Ferreira e visconde de Bivar.

O QUARTO MORTUARIO (Desenho por C. Alberto)

O jazigo que fica para a esquerda da capella do cemiterio, na parte que se acha ainda em construcção é em forma de capella, de ordem Dorica e de grande simplicidade.

Fontes encommendara-o ha cerca de dois annos ao canteiro, sr. Seviriano de Abreu, que o tinha concluido ha pouco, e feito entrega da chave no dia 17, isto é, cinco dias antes do fallecimento do eminente estadista.

Proximo do jazigo foi deposto o feretro e n'essa occasião tomou a palavra o sr. conselheiro Manuel da Assumpção que fez um breve mas eloquente discurso, pondo em relevo as grandes qualidades de Fontes e os seus serviços ao paiz que elle tanto amava. Fallou em seguida o sr. conselheiro Pinheiro Chagas que em phrases sentidas esboçou o grande vulto que Portugal acabava de perder, notando a justiça que só depois da morte se faz aos grandes homens, aquelles que mais serviços prestam ao seu paiz. Depois do sr. Pinheiro Chagas discursou brevemente o sr. João Arroyo que, apesar de estar doente, não deixou de comparecer n'aquelle acto, e de levantar a sua eloquente voz, á beira do tumulo do chefe do partido regenerador.

Depois d'estes discursos, foi o caixão conduzido ao tumulo e a chave entregue ao sr. conde de Cabral.

Estava tudo concluido!

A CAMARA ARDENTE (Desenho por C. Alberto)

VICENTE JORGE DE CASTRO

II

Foi, como dissemos, em 1824 que João Maria Rodrigues de Castro estabeleceu, na rua dos Fanqueiros n.º 129 B, uma typographia de sociedade com um padre ou frade, que segundo parece foi fr. João da Cruz, traductor da primeira obra que se compoz e imprimiu n'esta typographia, intitulada—*Obras da Serafica Madre Santa Theresa de Jesus, fundadora dos Carmelitas descalços, traduzidas em portuguez pelo mais indigno dos seus filhos, fr. João da Cruz. Tomo primeiro, Lisboa: Anno de 1826 — Na Imprensa da rua dos Fanqueiros n.º 129 B—Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

É este o frontispicio do livro, que consta de 570 paginas, in-4.º grande, muito bem composto e impresso, em relação á epocha em que foi feito. Imprimiu-se tambem n'esta typographia uma oração em forma de cruz, que os frades aconselhavam ao povo como o melhor preservativo contra

O sahimento do prestito da egreja das Mercês (Desenho de J. R. Christino)

o cholera, e que o povo, crente e fanatico, adquiria a troco da esmola de dez réis ou de vintem, com uma fé muito mais ingenua do que a dos frades que lh'a aconselhavam.

Imprimiram-se grandes quantidades d'estas orações, que uma circumstancia curiosa, tornou talvez, muito mais efficazes contra os caceteiros e perseguições do governo de D. Miguel, do que contra o cholera que de resto estendia os seus estragos por quasi todo o paiz.

Vejamos.

João Maria Rodrigues de Castro era altamente liberal, e as suas idéas estavam ao lado dos constitucionaes, que os agentes do governo, assaltavam por essa Lisboa, levando-os á paulada para os calabouços e dos calabouços para as masmorras das torres, quando não iam acabar pendurados no cadafalso.

Os liberaes que escapavam a esta faina delirante de prender e enforcar *malhados*, era por que emigravam para o extangeiro, ou sabiam tão bem dissimular por cá as suas opiniões politicas, qne não davam motivo a desconfianças.

Castro era d'estes ultimos, e quando na sua typographia se imprimiam muitas das noticias e proclamações liberaes, que clandestinamente circulavam no paiz com grandes reservas, aconteceu por mais d'uma vez, quer de noite quer de dia, os caceteiros, ou os soldados da policia (*morcegos*) assaltarem bruscamente a casa, e com toda a insolencia de palavras e modos, interrogarem o dono e procurarem vêr o que alli se fazia.

Quando isto acontecia, acontecia quasi sempre o estarem a imprimir das taes proclamações ou noticias dos liberaes, cujo apparecimento era sempre suspeitado pela policia, quando ás suas proprias mãos não iam parar os taes impressos. Opperava-se então uma transformação rapida e habilmente ensaiada, que permittia o mudar rapidamente a fôrma que estava no prelo, fazendo desapparecer tudo, quanto podesse trahir a critica situação do momento; e as façanhudas auctoridades policiaes, que com tanta arrogancia entravam, discubriam-se humildemente ante os exemplares da oração contra o cholera, que o prelo vomitava das suas entranhas, com hypocrisia não inferior á ignorancia e fanatismo dos assaltantes.

A oração devia denominar-se antes — *Oração contra os Caceteiros.*

A pequena typographia de Castro; dava, pois, o seu contingente muito importante para a causa dos liberaes, e foi ainda n'esta typographia que se imprimiram os primeiros documentos officiaes, logo que entrou em Lisboa o exercito liberal.

Quando isto se passava, era Vicente Jorge de Castro ainda uma criança, mas a sua memoria ficou fortemente impressionada pelos factos que acabámos de referir, os quaes por vezes em conversa lh'os ouvimos narrar, como uma recordação longiqua, cujos fundos traços o tempo não poude esbater.

A typographia da rua dos Fanqueiros mudou-se para o largo de S. Paulo, d'aqui para a rua Formosa, depois para o Arco Grande, e d'alli para a rua do Caldeira.

Estas mudanças foram realisadas entre os annos de 1834 a 1852, anno em que se encontra esta typographia na calçada de S. João Nepomuceno.

Por esta epoca já Vicente Jorge de Castro se tinha dedicado á typographia, e, de companhia com seu irmão, João Maria de Castro, muito habil typographo tambem, que conhecemos, e mais duas senhoras suas irmãs, unicas senhoras typographas de que temos noticia no nosso paiz, executava trabalhos typographicos que offereciam certa novidade.

Esses trabalhos eram especialmente pequenos rotolos para expediente de pharmacias, vinhos, licores, etc., compostos com filetes e vinhetas de combinação, o que por aquelles tempos offerecia effectivamente novidade, porque a typographia entre nós estava ainda em grande atrazo.

Esta especialidade ficou sempre predominando na typographia Castro, alcançando com o tempo um grande desenvolvimento e successivo aperfeiçoamento, que lhe deu um logar distincto entre as typographias de Portugal.

N'uma pequena loja da calçada de S. João Nepomuceno trabalhavam os dois irmãos com grande applicação, e fazendo todos os esforços por aperfeiçoarem os seus productos typographicos, mas luctavam ao mesmo tempo com a falta de capital para poderem dar á sua industria o desenvolvimento preciso.

Esta falta veio prehenchel-a o sr. Thomaz de Aquino Gomes, um verdadeiro amigo da familia Castro, que por aquelle tempo tomou conhecimento com os dois irmãos Castros, conhecimento que se foi estreitando, e traduzindo n'um auxilio de capital prestado pelo sr. Thomaz Gomes, para o desenvolvimento da pequena typographia.

Esse auxilio não foi infructifero, porque a pequena typographia foi se desenvolvendo e melhorando os seus productos, ao mesmo tempo que Vicente de Castro dedicava toda a sua attenção e intelligencia artistica á arte typographica, que elle principiava a cultivar com uma ambição que ia alem de pôr typos bem em pé no componedor, ou de paginar e impor uma folha de 16 ou de 32.

E não é porque pôr typos em pé seja coisa que todos saibam fazer, mas é que Castro queria sabel os pôr, queria saber espacejar e justificar uma linha de composição, compor o rosto de um livro e saber manejar as diversas especies de vinhetas, formar com ellas guarnições appropriadas e bem combinadas, e com essas combinações produzir bonitos rotolos impressos a cores, com um gosto e perfeição pouco ou nada vista nas typographias ha trinta annos.

E conseguiu isso tudo, e muito mais, como iremos demonstrando.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXIV

A pluralidade dos mundos segundo a opinião de antigos e modernos: Lalande, Fontenelle, Kant, etc. A Recreação philosophica do Padre Theodoro de Almeida. Modernas cogitações de Proctor, Wolff e outros, ácerca da via lactea e da nebulosa solar.

O pensamento, quando mesmo auxiliado dos poderosos telescopios, ao penetrar nos abysmos do ceo, isto é do espaço, ha de forçosamente ir mais alem d'aquillo que vê. E ao considerar mundos innumeraveis, succedendo-se em grupos uns apoz outros, e pairando n'um espaço illimitado, sem que nenhum limite de espaço ou de tempo lhe pareça capaz de terminar essa progressão indefinida de grupos de astros, ha de baixar ao pequeno globo da terra, que gira n'um recanto do infinito e perguntar a si mesmo:

— Será esse conjuncto precioso que rodeia a terra um systema de astros innumeraveis, mas espalhados sem plano, ou obedecendo a um systema?

Actualmente o estudo das *nebulosas* veio lançar muita luz sobre a questão. Antes, porem de tratar d'este assumpto, seja-nos licito lembrar o que os antigos criam ácerca d'esses mundos, a que Flammarion chama *as terras do ceo.*

Plutarco diz que nos cantos *orphicos* ou cantos attribuidos a *Orpheo* havia allusão á pluralidade dos mundos. Isto mesmo ensinavam os pythagoricos taes como *Philolaus, Nicetas, Heraclidas* e *Achilles Tatius.* Muitos philosophos gregos, diz o celebre Lalande, admittiam uma infinidade de mundos fóra do alcance da nossa vista.

Epicuro, Lucrecio, e todos os epicurianos eram da mesma opinião, e Metrodoro achava que era tão absurdo pôr apenas um mundo no vacuo infinito, como dizer que não podia crescer mais que uma espiga n'uma vasta planicie.

Xenofontes, Zeno d'Elea, Anaximenes, Anaximandro, Leucippo, Democrito affirmavam o mesmo. Muitos outros se acham indicados na *Bibliotheca Grega de Fabricius*, tom. 1, c. 20. — Lalande diz:

«Com effeito a semelhança é tão perfeita entre a terra e os outros planetas, que se nós suppomos a terra creada para ser habitada, não podemos duvidar que os planetas não o sejam egualmente; e se nós concebemos alguma relação entre a existencia do globo terrestre e a dos homens, vemonos obrigados a estendel-a aos planetas; quem quizer recusar o seu assentimento a estas razões será tão inconsequente como aquelle que n'um rebanho de carneiros, tivesse visto alguns com entranhas de animaes e julgasse que os mais apenas contivessem pedras.

«O planeta Jupiter é achatado nos polos como a terra. Não ha um unico caracter de semelhança que não se observe entre a terra e os planetas. Pois será possivel imaginar que a existencia dos entes vivos e pensantes fosse restricta á terra? Sobre que base assentará esse privilegio, a não ser sobre a imaginação estreita e timida dos que não podem levantar-se alem dos objectos das suas sensações immediatas? O que dizemos dos planetas que circumdam o sol, deverá estender-se naturalmente a todos os systemas planetarios, que cercam as estrellas; cada estrella parece sêr, como o sol, um corpo luminoso; se o sol foi feito para conter e illuminar os planetas que o cercam, o mesmo se deve presumir das estrellas, e suppondo que a existencia dos habitantes da terra tenha alguma relação necessaria com a do globo terrestre, deve se convir na necessidade da existencia de habitantes nos outros planetas. Isto dizia Lalande, ha 112 annos no *Abregé d'Astronomie* pag. 419, referindo-se já aos celeberrimos *dialogos da pluralidade dos mundos* por Fontenelle, que uma senhora portugueza, verteu para portuguez, com um prefacio do fallecido visconde de Castilho. Comtudo a obra de Fontenelle, tem por base a theoria dos turbilhões de Descartes, theoria substituida pela da attração universal. Por isso, Favre-Cassat, emprehendeu rectificar os erros d'esse homem celebre, continuando-lhe a obra e dando noticia das modernas descobertas. Fontenelle imagina estar no campo, em casa da marqueza de G. e com toda a amabilidade e galanteria da epocha explica-lhe as mais intrincadas theorias astronomicas. Favre-Cassat suppoz que o philosopho e a marqueza se encontram na lua: tendo Fontenelle visitado todos os mundos e a marqueza chegando da terra. A obra intitula-se *Fontenelle et la marquise de G... dans les mondes.* É porem muito mais perfeito o trabalho recente do sr. A. Boillot publicado na *Bibliotheque Utile.* Boillot segue o mesmo plano, limando os erros de Fontenelle, substituindo a theoria dos turbilhões cartezianos pela da attracção universal, expondo novas acquisições e desenvolvendo novos methodos de investigação. Assim a conversação entre a marqueza G. e Fontenelle de 1686 acha-se transplantada para a actualidade, entre a marqueza G. e um astronomo moderno.

Muitos outros astronomos taes como Bailly, Bonnet, Huygens e Herchel apoiaram a hypothese da pluralidade dos mundos. Lambert, não sómente admittia habitantes nos planetas, mas nos cometas, os quaes, segundo elle passam do nosso systema solar a outros systemas do mesmo genero, sendo as estrellas fixas soes envolta dos quaes giram tambem planetas.

Eis a theoria que Mérian publicou no seu livro *Systema do Mundo.* «As estrellas fixas movem-se em orbitas. *A via lactea* contem muitos systemas de estrellas fixas; as que parecem estar fóra da *via lactea* constituem um unico systema, que é o nosso. O sol, sendo, como é, uma estrella, gira em volta de um centro, do mesmo modo que ellas. Cada systema tem o seu centro e muitos systemas juntos teem um centro que lhes é commum.

«O conjuncto d'estes grupos de systemas teem tambem o seu centro. Finalmente ha um centro universal para o mundo inteiro, e em volta do qual tudo gira. Esses centros não estão vasios, mas occupados por corpos opacos. Esses centros podem ser illuminados por um ou muitos soes e tornarem-se visiveis e terem phases. A pallida claridade observada em Orion é talvez o centro do nosso systema». Estas ultimas palavras referem-se sem duvida á *nebulosa de Orion.* O auctor escrevia em 1770.

O padre Theodoro de Almeida, no seu livro de ensinamento popular *A Recreasão Filosofica*, referindo-se á pluralidade dos mundos, diz:

«O Wolfio quer que os aja (habitantes na lua), e tem bons votos por si. O Hugens, grande astronomo, antes de Wolfio o dise, alem de alguns antigos; e o Kepler se inclina para esa opinião, e o Cardeal Cusano. Esta mesma razão da analogia e semelhança da terra com os planetas, em ordem a ter abitadores, tambem se estende a Jupiter, Saturno, Marte, etc., e as razões que eles dão, não são para ridicularisar, nem tambem para seguir em materia tão grave.»

Eis como o corajoso sabio dava a sua opinião intemerata em 1762, affrontando assim os carceres do Santo Officio. N'este trecho conservamos de proposito a orthographia adoptada pelo padre Theodoro de Almeida, e que nos parece a mais racional de todas as orthographias não etymologicas. Quem fizer á *Recreação philosophica* o que *Boillot* fez aos dialogos de Fontenelle, isto é, corrigir os erros das theorias, que na epoca em que foi escripta a obra eram acceites como as melhores, e aproveitar o plano, e o methodo terá tido o merito de pôr novamente em voga um dos melhores livros de vulgarisação scientifica.

Kant, em 1755, na sua *Historia geral da natureza e da theoria do Ceo*, havia feito notar que os planetas, até então conhecidos, e os seus satellites, se moviam todos na mesma direcção e no mesmo sentido da rotação do sol, e que as suas orbitas não se affastam muito de um plano commum, que é o plano do equador solar prolongado, concluindo d'aqui que uma mesma causa teria exercido a mesma influencia em toda a extensão do systema solar.

Mais tarde La Place apresentava no seu *Systema do Mundo* a celebre theoria da formação dos

planetas pela condensação da nebulosa solar, e formação de anneis cosmicos animados do movimento de rotação, assim como a grande massa d'onde tinham saido.

La Faye objecta a esta theoria o facto de que todas as rotações são directas até Saturno, mas que Uranus e Neptuno teem rotações retrogradas. Esta objecção parece ter sido resolvida por Wolff.

Com respeito á resolubilidade das nebulosas, assumpto que interessa o conhecimento da formação dos mundos, Proctor diz:

«Se fosse preciso acceitar como estabelecido que em toda a parte onde uma pequena porção da via lactea é irresoluvel, não obstante o emprego de um poderoso telescopio, o systema sideral deve ter n'esta direcção mais extensão que n'outra, a pequenez relativa, que apresenta a maioria d'estas porções irresoluveis da via lactea, forçar-nos-hia a concluir que o systema se estenderia em compridas pontas em sentido opposto ao systema solar.»

O caracter de irresolubilidade não é, segundo o sr. Proctor, auctor do *Novo atlas celeste*, uma prova de enorme distancia relativa, mas sim o de um estado physico ou distribuição particular de materia sideral.

João de Mendonça.

DOM TAROUCA

(Continuado do n.º 231)

Como era dia de fazer, viam-se fileiras de trabalhadores cavando as belgas, aplanadas em fórma de degraus desmedidamente praticados nos recôstos; e juntas de gordos bois lavravam alguma chan mais alargada, pausadamente, tangidas pelas aguilhadas de rapazolas, que as estimulavam aos gritos, emquanto os caseiros se agarravam com valentia ás rabiças recurvas dos arados. Os aromas salubres do solo humido e revolvido enchiam o espaço, em que passavam estremecimentos ligeiros de frio, d'envolta com uma suave tepidez resistente; e o sol derramava-se tão palido e brando, que se diria coado por brumas imperceptiveis, nas alturas, e mal polia com a sua alourada luz a paizagem desataviada das graças da verdura, tornando transparente a névoa que velava os horisontes longinquos, recortados no azul pelas cumieiras sombrias como rendas cyclopicas. Algumas mulheres andavam agilmente empoleiradas pelas oliveiras folhosas, varejando as azeitonas, que se precipitavam para o chão como um pedrisco negro; outras faziam a apanha, arrastando cestas; e qual n'uma berraria aguda, qual n'uma toada grave, — concertando as suas vozes com um instincto de harmonia, — as trabalhadeiras cantavam, cantavam todas, na felicidade da lida ao grande ar livre, na immensa paz afagante da natureza. Mas, lá em baixo, o ribeiro arranjava uma especie de surdina ao rude côro do mulherio, com o barulho monotono e dormente das suas aguas terrentas, que se estendiam agora do sopé d'uma encosta ao da outra, reforçadas pelas estreias do inverno invasôr; de modo que os amieiros, immoveis, com os troncos submersos em parte, pareciam colossaes plantas aquaticas, crescidas em plena torrente, — ou então, miseramente desnudados pela rareada folhagem amarellenta, tinham o aspecto de cadaveres alçados e erectos d'arvores em decomposição.

Uma fresca rapariga atrancava o atalho, lavava roupa de joelhos; e, n'um regalo de todo o sêr, garganteava tambem cantigas estridentes, tão entregue á sua cantoria, em que vibrava um limpido vigor de mocidade, que a caminheira teve de saltar por cima das pernas d'ella, e disse-lhe, sorrindo:

— Assim, ao menos, é bô viver, filha!

A alegre lavadeira declarou francamente:

— Ora, bê! de que valem penas?...

Mas a outra tornou, com um suspiro:

— Ai! O peior é que ellas alevantam se debaixo das nossas passadas, com'os espinhos.

E, emtanto que a cantadeira se ficava a olhar, a reparar n'ella espantadamente, foi-se, sem demora. A sua ambulante imagem, não raro, projectava-se na levada, n'um escorço movediço, ao mesmo tempo indefinido, e nitido, e ondeado; e as esverdinhadas rãs, que se distrahiam entre ortelãs e hervagens viçosas, safavam-se inesperadamente, mergulhando no lôdo. Por cima d'uma multidão dispersa de miudinhos peixes, que nadavam com a apparencia singular de particulas da propria agua, animadas e ladinas, dois patos subiam contra a corrente, com os pescoços empertigados n'uma attitude grave; e a força das suas plumosas prôas arredondadas e alvas enrugava toda a superficie liquida, onde ás vezes se reflectia o ceu, muito fundo, bem longe, mysteriosamente aereo e subterraneo, como uma allucinante visão d'abysmo, insondavel e fluido. Os garotos da improvisada comitiva, cortando vimes flexiveis para os vergastar, implicáram com os pacificos patos, que fugiram apavorados, agitando febrilmente os espalmados pés á maneira de remos, e abanando as cabeças n'uma atarantação, os olhitos brilhantes como pontinhos d'onyx; mas encalharam na areia, por desgraça, e grasnando roucamente, desesperados, sahiram para a margem, deitaram a correr, peneirando os seus corpos roliços com um movimento tão ridiculo e inhabil, que arrancava estrepitosas gargalhadas á garotada; até que puderam lançar-se á agua de novo, restabelecidos do susto, vogando á vontade n'um sitio salvador, em que o regato se enfurnava sob um tunnel baixo e natural.

Emfim, o meticuloso pequeno guia avistou a morada do moleiro, e preveniu logo a desconhecida:

— Stamos acajo lá.

E não tardou que encontrassem umas escaleiras barrancosas, que iam dar ao moinho. Então, os rapazes desgarraram-se em rumo diverso, folientamente, á busca dos patos desditosos; e a grata moça, tirando da algibeira duas nozes, presenteou e despediu o seu companheiro atinado, — que abalou para casa, temendo que os outros o espancassem. Ella desceu, sósinha. No quinteiro deserto, deteve-se por instantes, commovida, levando ao peito a mão livre do carrego do filho, como se o coração alvorotado a affligisse; e depois, resolutamente, batucou á porta. Dentro, as mós gyrando chiavam asperamente.

Foi a Delfina quem veiu abrir; e, n'uma surpreza, pasmada, estacou exclamando:

— És tu, Maruca? T'arrenego! Se fôsse de noite, Deus me perdûe, trocava-te por uma abantêsma! Que fadario te troufe aqui, desterrada?!

Encostou-se á humbreira de granito picado, desageitadamente, com um gemido abafado de cansaço. Tinha o ventre avolumado, inchado, monstruoso de maternidade; pela frente, a saia suspensa, semelhante á tela incompleta d'uma tenda, descobria as pernas seccas, agasalhadas com meias d'algodão azul, as pernas delgadas e sugadas que mal sustinham o seu corpo deformado pela prenhez; e as faces encaveiradas, côr de limão, os olhos velados d'um languor doentio, e os braços emmagrecidos diziam a vida em desequilibrio, a penosa crise emovente e deploravel da femea procreadora, transtornada pelo ente usurpadôr gerado nas suas entranhas. Cruzou as mãos descahidas sobre a rotundidade saliente do regaço; e, apesar d'uma inquietação vaga que a assaltára, quando a Maruca lhe surgiu concentrada e triste, mostrava-lhe um agrado captivante de boavinda. A outra conservava-se muda, dir-se-ia enleiada; e observava-a constrangidamente, como se experimentasse uma difficuldade em revêr, n'ella, a desempenada e galante donzella que tanto conhecera em casa do tio, sob a protecção do velho moleiro abandonado. A Delfina insistiu:

— Em bua hora sejas apparecida.

Bruscamente, uma decisão fez fallar a Maruca:

— São os meus peccados que me cá arrastam, mulher!

Apresentou lhe o socegado fedelho, rochunchudo e risonho, em fralda de camisa, inquirindo com uma malicia misturada d'amargura — se elle não daria ares d'alguem? E uma pallidez livida denunciou a Delfina, anciosamente sobresaltada porque, de facto, a sanguinea cara carnuda da creança patenteava o seu parentesco compromettedor com o Estevam, revelava uma d'essas flagrantes parecenças physicas, que a gente do campo, obscuramente, atravez dos seculos, tem convertido n'uma lei absoluta e irrecusavel de hereditariedade. Começou a roel-a fundamente uma desconfiança de que a Maruca vinha perturbar a sua existencia afortunada, como um pedregulho brutal que abruptamente quebra e agita a calma lisura d'uma lagôa; e, em vespera de ser mãe, ella sentiu um odio irreflectido contra o meigo pequenito, que lhe sorria, contra aquelle filho do seu Estevam, nascido d'outra mulher. Agora lembrava-se, penetrava-a toda a verdade, como uma grande claridade cegante, envolvendo a n'uma revoada de recordações! Essa queixosa raparigaça abatida, que se tomaria por uma humilde mendiga alli posta á sua porta, tão bonita no seu tempo assim como uma arvore nova na sua florescencia, fôra a ultima visinha cortejada pelo Estevam frascario; mesmo, uma vez surprehendera os dois abraçados, n'um casal, por traz d'uma mêda de palha, ao declinar d'uma tarde de verão abrazada e incensada pelos fenos; nunca soubera, comtudo, que ella doidamente escorregasse até á ruinosa seducção final. Mas a Maruca enternecia-se, ralada d'uma saudade; e contou que, se não se tivessem encontrado ambos n'uma esfolhada, ainda hoje ella poderia andar no mundo sem córar de vergonha. Era uma noite de luar, elanguescente e amorosa, repassada d'um lyrismo estrellado, lavada d'essa luz alvacenta e fantastica, que, por momentos, arrebata e embriaga como uma exquisita idealidade incomprehensivel; uma guitarra soluçava rudimentares melodias, esmorecidamente; os proprios latidos dos cães, a distancia, pareciam carpidos murmurios levados pelo ar. Elle chamou-a, disse-lhe cousas de perdição; e ella esqueceu-se de tudo nos seus braços.

E, com o olhar perdido, caladas, as duas mulheres pensavam desfallecidamente nas proezas do desaforado e adorado homem, que possuira a sua virgindade. De repente, a Maruca desabafou um rancôr recolhido no seu peito:

— Fez-me juras de m'arreceber, por alma da sua mãe, o falso! E váe, ó despois, atirou-me pr'á banda, para se casar comtigo.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

RESENHA NOTICIOSA

Condes d'Eu. Chegaram a Lisboa, no dia 22 de janeiro os srs. condes d'Eu. Suas altezas desembarcaram no arsenal de marinha, onde uma força de caçadores 5 lhe fez a guarda de honra, e seguiram para o Grande Hotel de Lisboa em carruagens, acompanhados pelo sr. ministro do Brazil e secretario sr. Luiz Guimarães e mais pessoal da legação. Visitaram depois no Paço da Ajuda suas magestades el-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia. No Hotel foram visitados por Suas Altezas o principe D. Carlos e princeza Amelia, e infante D. Augusto. No dia 23, pelas 4 horas da tarde, receberam, na legação do Brazil, os membros da colonia brazileira que ali os foram comprimentar. Os srs condes, d'Eu vieram acompanhados de seus filhos, D. Pedro de 11 annos de idade, D. Luiz de 9 annos e D. Antonio de 6 annos. Suas altezas demoraram-se em Lisboa apenas 3 dias, pois seguiram para Sevilha no comboio da noite de 24, a encontrarem-se com os duques de Montpensier a quem vão visitar.

Um carrilhão. Acaba de se fazer, no Porto, nas officinas de fundição de Campanhã, do sr. Leão, um magnifico carrilhão de sinos afinados, e que é movido por um simples apparelho, invenção do sr. Victorino Moraes Soares, distincto mechanico e electricista. O carrilhão está regulado apenas com uma oitava, mas pode ter as oitavas que se quizer. Deve figurar na proxima exposição industrial do Porto.

Paz ou guerra? Não se pode precisar n'este momento qual a causa que fará romper as hostilidades entre as potencias da Europa, entretanto é certo que as potencias se armam por terra e por mar com manifesta preoccupação de se defenderem, visto que todas declaram os seus desejos de paz, e que nenhuma se propõe a fazer guerra. A Russia diz que quer paz, mas insiste pela candidatura ao throno da Bulgaria de um principe de sua escolha, o que as outras potencias não vêem com bons olhos, muito principalmente a Austria e a Inglaterra. A Allemanha faz saber ao mundo pela bocca do seu chanceler, que abriga no seu seio as mais douradas intenções de paz, mas o mesmo chanceler dissolve, em nome do imperador Guilherme, o parlamento, porque este não quer votar o augmento do exercito, apesar de este se elevar já a bonita cifra de dois milhões e tanto de homens. A Austria pela sua parte trata tambem de augmentar o seu exercito e faz grandes encommendas de armamentos. A França tambem não se descuida e ao passo que apresenta a primeira marinha de guerra hoje considerada, tem um exercito já superior ao allemão, entretanto repete a cada momento os seus protestos de paz. Este armamento geral é talvez a maior garantia da paz, mas o que é certo é que esta paz é muita cara e exige grandes sacrificios ás nações, que á força de se mostrarem fortes, vão-se enfraquecendo lentamenta, sacrificando á paz ou á guerra, os seus thesouros e os seus braços vigorosos. Crêmos que este estado de cousas é insustentavel, e que as grandes potencias chegarão a um accordo com que todos tem a lucrar: o desarmamento geral. É possivel, porém, que todos estes preparativos belicos sejam um meio de entreter

MORTE DE FONTES PEREIRA DE MELLO

Casa onde falleceu Fontes Pereira de Mello, no Pateo do Tijolo (Desenho de J. R. Christino)

o espirito publico, de desviar as attenções do povo das questões internas que se agitam nos grandes centros, e que se estão menifestando com violencia assustadora e terrivel, como a questão irlandeza na Inglaterra, o nhilismo na Russia, e o socialismos por toda a parte. Se assim é, parecenos que é um mal a querer curar outro mal, e entretanto nós inclinamo-nos a esta hypotese.

Exposição de rozas. Deve realisar-se em maio proximo, uma exposição de rozas e outras flôres, no palacio de Crystal do Porto.

Mappa do sul de Africa. A companhia do *Castle Mail* publicou um mappa collorido do sul de Africa, com o itenerario marcado da carreira dos seus vapores até ao Cabo e d'ali até Lourenço Marques. Vê-se por este mappa que o caminho mais curto para o campo do oiro de Transwaal, é por Lourenço Marques.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

A Biblia Sagrada, *edição monumental, esplendidamente adornada com primorosas illustrações desenhadas por Adolpho Greno, Antonio Ramalho, Ernesto Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato e Silva Porto, gravadas em madeira por Caetano Alberto e Heitor & Lallemant, versão classica do padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. José III, escrupulosamente revista sobre o texto latino da Vulgata, por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.* Carvalho & Pons, editores, Lisboa. É o prospecto d'esta edição extraordinaria do primeiro livro do mundo, por si mesmo recommendavel, mas que mais nos deve attrahir ainda, pelos primores que esta edição offerece na parte artistica, quer com respeito ás illustrações, quer com respeito á execução typographica, do que tudo nos dá boa idéa o prospecto que é um verdadeiro especimen. As paginas são todas emmolduradas com desenhos apropriados e originaes impressos, a côres, no que esta edição é ainda mais luxuosa que a grande edição franceza illustrada por Gustavo Doré. Cremos bem que no nosso paiz ainda se não fez edição tão luxuosa e ao mesmo tempo tão nacional como esta, e isto nos alegra pelo progresso que se vae fazendo em Portugal, que tambem tem o direito de fazer edições suas, bem portuguezas, em que a arte nacional se manifeste, e em que o povo portuguez dê o seu dinheiro para vêr desenvolver-se a sua arte, como mais uma affirmação da sua nacionalidade e existencia. A empreza editora d'esta Biblia é, pois, duplamente sympathica, porque alem de ir proporcionar ao publico um bom livro, vae tambem dar um grande incremento á arte nacional. A publicação deverá apparecer breve e será feita por fasciculos do custo de 200 réis, o que muito facilita a sua acquisição.

Almanach da typographia Castro Irmão para 1887. É um delicado brinde que esta typographia offerece todos os annos aos seus numerosos freguezes, e que ao mesmo tempo é um especimen dos primores typographicos que sahem d'aquellas officinas.

Os Filhos do Capitão Grant, *terceira parte Oceano Pacifico,* traducção de Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa. Mais um livro da grande edição popular das viagens maravilhosas de Julio Verne, edição extremamente barata e que tem tido o mais lisongeiro acolhimento.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 140 *Alphabeto Natural* por Candido José Ayres de Madureira, abbade de Arcozello. Este pequeno livrinho é destinado a facilitar o aprender a lêr por um novo methodo.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.